



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - ARTIGO CIENTÍFICO**

EMANUEL CLAUDIO FREIRE DA ROCHA

A CIDADE DE ESPERANÇA-PB E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA

**Campina Grande-PB
2016**

EMANUEL CLAUDIO FREIRE DA ROCHA

A CIDADE DE ESPERANÇA-PB E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA

Artigo Científico de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em História

Orientador: Prof. Ms. Matusalém Alves de Oliveira

**Campina Grande-PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R672c Rocha, Emanuel Claudio Freire da
A cidade de Esperança-PB e seus lugares de memória
[manuscrito] / Emanuel Claudio Freire da Rocha. - 2016.
18 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Me. Matusalém Alves de Oliveira,
Departamento de História".

1. Historiografia 2. Esperança - Paraíba 3. Memória 4.
Patrimônio I. Título.

21. ed. CDD 907.2

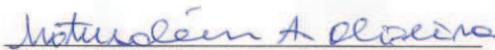
EMANUEL CLAUDIO FREIRE DA ROCHA

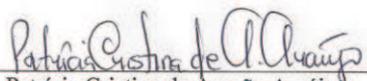
A CIDADE DE ESPERANÇA-PB E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA

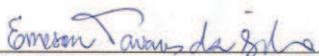
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Trabalho Acadêmico Orientado como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em História, na Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado em: 20/05/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Matusalém Alves de Oliveira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ms. Emeson Tavares da Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

RESUMO:

ROCHA, Emanuel Claudio Freire da. **A CIDADE DE ESPERANÇA E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA**, 2016. Artigo (Graduação). Licenciatura Plena em História. CEDUC/UEPB. Campina Grande-PB. 2016

A proposta discursiva do presente artigo nos remete a uma abordagem da cidade de Esperança, a partir dos lugares de memória, vislumbrando o seu patrimônio cultural, não como cidade física, como de fato se apresenta hoje, mas sim, como construtora de uma identidade urbana e social, que se faz viva nesta urbe, desde sua fundação, até os dias de hoje. Nessa perspectiva, corremos à pesquisa sobre a história local em busca de uma construção e visualização das identidades urbanas que emergem na cidade de Esperança a partir de seus lugares de memória e de seu patrimônio cultural, elencando alguns elementos que fazem parte da dinâmica desta cidade.

Palavras-Chave: Memória. Patrimônio. Cidade.

INTRODUÇÃO

Muito embora a proposta deste artigo seja uma reflexão sobre a cidade de Esperança e a relação com os lugares de memória, em especial o patrimônio cultural, não se pode deixar de se mencionar a questão de identidade dos grupos sociais que buscam em seu processo de construção identitário se distinguir dos outros, conformando identidades culturais urbanas.

Isto, pois, como afirma Fortuna (1997 p.130), “a cidade é a imagem alegórica da sociedade” e esta é formada por “[...] múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem urbana [...]”.

A cidade é o lugar onde se inscreve a história do urbano e preserva a memória do seu repertório coletivo. Essa história, porém não é uma simples coleta de referências factuais, mas uma recepção e percepção de lembranças e repertórios perdidos que incidem sobre o espaço da cidade.

Conjunto múltiplo de ação coletiva, a cidade tem muitas dimensões e significados - reais e virtuais concretos e simbólicos - e, também ela, a cidade, é construtora de identidades e identificações. Dentro dos limites da cidade diferentes vetores de espaço e tempo convivem nem sempre de maneira harmônica, ou seja, o cotidiano urbano é plural, polissêmico, singular e diverso.

Hoje, no contexto da fragilização das cidades impactadas pela redução das barreiras espaciais, os lugares de memória constituem fator de estabilidade capazes de referendar o que é familiar, conferindo um sentido de pertencimento e completude. Em outras palavras a memória é a base para a construção da identidade do indivíduo, dos grupos sociais e da nação.

Afinal, sempre social mesmo quando relativa a um único indivíduo e nunca renunciando aos indivíduos mesmo quando coletiva, a memória faz das diferentes narrativas e linguagens a matéria prima de sua construção, substrato identitário de indivíduos e sociedades.

O despertar da modernidade, intensificado, alargado e potencializado por toda sorte de contatos e intercâmbios pelo processo de globalização tornou possível a transfiguração identitária. Assim, a construção das identidades típicas da era pré-moderna - predeterminadas, estáveis e impostas do exterior - cederam espaço às identidades culturais contemporâneas.

E é a busca de (re) construção e (re) conhecimento da identidade que impulsiona os homens a inclinarem-se sobre o passado pela procura de referências, signos e vestígios temporais ou espaciais que lhes sejam suporte do ser no mundo. Neste sentido, a memória encontra-se em múltiplos lugares, sejam esse material, simbólico ou funcional – são os lugares de memória.

A razão precípua de um lugar de memória é parar o tempo, impedir o esquecimento, imortalizar a morte e materializar o intangível para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais.

Desta forma, os lugares de memória são o registro de todo o processo de identificação dos sujeitos com o espaço no qual se inserem e as decorrentes relações que se estabelecem a partir dessa identificação. Isto porque, a aceleração da história, conforme Nora (1993, p. 7), leva a “uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio”.

Neste sentido, na contemporaneidade assiste-se a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas das sociedades ocidentais e que Huyssen(2000) denomina de cultura da memória. Este fenômeno caracteriza-se pelo deslocamento do eixo dos futuros presentes privilegiado nas décadas iniciais do último século, para os passados presente, privilegiados nos dias atuais. A procura por outras tradições e pela tradição dos outros se fizeram então acompanhar por uma recodificação do passado, (re) inventando e (re) significando-o de forma a criar um repertório de representação identitário. Sendo assim, a multiplicidade e aposição de narrativas e parâmetros explicativos sobre o mundo, as relações sociais e a vida e as consequentes transformações no contexto de globalização revelam como as identidades culturais, as quais são socialmente construídas, impõem um novo olhar sobre esse fenômeno. Logo, tanto no plano teórico quanto no prático, como sugere Fortuna (1997 p. 128), novas acepções são geradas “a partir de renascidas ideologias da cultura e do consumo e de práticas revalorizadas em função de emergentes filosofias de vida”.

Desta maneira, as heranças identitárias e tradições são transmitidas e preservadas pelos lugares de memória que se fixam como importantes instrumentos dos saberes, fazeres e vividos do homem.

Fato este que: remete a um elenco de variáveis em permanente construção. Nesse sentido,

“para determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas” [...], uma vez que sua inserção social humana não é unívoca, mas, sim, diversificada. O trabalho da memória é especialmente frutífero para o reconhecimento desses laços identificadores, já que contribui para a internalização de significados e experiências (grifo do autor).

Portanto, sem ser o passado, mas uma representação deste passado a partir do presente, os lugares de memória funcionam, mesmo a despeito do particularismo de suas expressões, como símbolos agregadores de um passado coletivo, ainda que sujeito a ser partilhado desigualmente.

ESPERANÇA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Este trabalho pretende discutir a contribuição que os chamados “lugares de memória” trazem para a compreensão da cidade de Esperança como espaço de múltiplas funções.

São muitos os elementos que fazem parte da dinâmica desta cidade, mas um dos principais destaque fica com a presença de um lajedo ou rochedo e uma capelinha no alto da cidade. A profusão de interferências que tanto um quanto outro causa na vida cotidiana de seus habitantes, deve ser discutida e analisada sob todos os seus aspectos.



Fig.1: Lajedo do Araçá da cidade de Esperança. Fonte:

Conforme o site “Revivendo Esperança PB”, o lajedo do Araçá é “uma parte da história de Esperança, viva, muda, silente, que através dos tempos serve de testemunha de inúmeros fatos da nossa cidade. É oportuno dizer e repetir uma antiga frase do dito popular: Ah, se essas pedras falassem!”

O site ainda faz menção a Capelinha de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que segundo o mesmo foi inspirada pelo lajedo e que hoje em dia é objeto de veneração “Depois daquele fato, quantas promessas foram cumpridas por pessoas de Esperança e dos mais distantes recantos do nosso município, pessoas aquelas que, de joelhos, pediram a realização dos mais diversos sonhos e, outras, que, também, ajoelhadas, compareceram para agradecer as graças alcançadas”

Partindo do pressuposto que nas sociedades tradicionais, baseadas na memória, o velho ideal era ressuscitar o passado, para Pierre Nora, na sociedade contemporânea, o novo ideal se resume a representá-lo através de lugares que cristalizam as memórias (tais como os museus e monumentos, bem como as fotografias que permeiam esses lugares). São justamente esses lugares de cristalização do passado que Nora entende como um lugar de memória.

Observadas as operações desenvolvidas pelo Lajedo e pela Capelinha, pode-se refletir a partir das fontes orais, literárias e midiáticas, o universo das práticas sociais, culturais e econômicas que estão presentes nas ações individuais e/ou coletivas daqueles que estão em permanente passagem ou daqueles que ali criaram raízes.

As diversas cidades que fazem parte do chamado Brejo Paraibano, embora tenham elementos comuns em suas gêneses, como por exemplo, o recebimento de um forte fluxo

migratório formou complexos industriais distintos resultando na variedade de produtos, formação de mão de obra e a consequente disparidade na organização dos espaços urbanos. Esperança como uma cidade polo, situada a cerca de 30km de Campina Grande, segunda maior cidade do estado, teve seu desenvolvimento pautado por uma dinâmica própria. Devido às características específicas de sua localização, contribuiu para o incremento da colonização e do fortalecimento econômico desta região. A cidade atravessada por uma rodovia federal, porta de entrada e saída para o Brejo Paraibano, região turística do estado, bem como saída para Natal, capital do Rio Grande do Norte serviam de acesso à comunicação e base de transporte, conferindo às empresas o apoio comercial necessário para a ampliação do comércio e indústria na cidade.

Dentre os diversos fatores que influenciam na dinâmica de uma cidade polo merecem destaque os avanços tecnológicos que permitiram o fenômeno da globalização, que carrega consigo a evolução das redes comerciais e empresariais na cidade. Na cidade é possível verificar várias franquias de empresas paraibanas que estão instaladas em Campina Grande, como loja de eletrodomésticos, laboratórios clínicos, escolas de idiomas, bares e lanchonetes e também a instalação de um campus do Instituto Federal da Paraíba, demonstrando que a cidade tem porte e é polarizante na região. Tais conquistas exercem diferentes significados nas relações cidade-comércio-lugares de memória, que através da competitividade elaboram novos parâmetros de desenvolvimento econômico e social para as áreas em que estão inseridos.

Autores como Marcel Roncayolo (2001, p. 268-269) trazem para a reflexão desta pesquisa a importância sobre as representações da cidade como uma das formas para compreender os conceitos que atores de um mesmo período avaliavam como importantes para apreender a cidade que partilhavam,

(...) A representação é ativa: ela não apenas 'diz' a cidade, ela 'faz' a cidade. O essencial na cidade moderna a partir do século XVII, é que ela é projetada. Não é mais a cidade existente que importa, mas os conceitos empregados para definir a cidade tal como deveria existir. Não se vai diretamente do econômico e do social à intervenção no espaço; passa-se pelo desvio das representações: através da cidade, mobiliza-se o conjunto dos dados científicos, paracientíficos, mágicos, imaginários e outros, que formam o equipamento mental de uma época.

Na esteira destas reflexões temos nos estudos de Chandler uma contribuição significativa no que diz respeito a principal tarefa do historiador que: (...) sempre foi registrar e analisar os motivos, as alternativas e as ações dos homens cujas decisões afetaram

diretamente muitas pessoas e indiretamente ajudaram a moldar as instituições nas quais o grosso da população exercia sua atividade diária. (McCRAW, 1998, p. 200)

Da mesma forma, David Lowenthal (1989, p. 148) colabora com a pesquisa ao afirmar que “a memória e a identidade estão interligadas, pois recordar o passado é uma forma de saber quem somos”. Assim, considerando que os monumentos da cidade representam locus da memória coletiva, o presente estudo traz para o diálogo uma escola super conhecida da cidade, o grupo Escola Irineu Joffily.



Fig.2. Grupo Escolar Irineu Joffily

O Grupo Escolar Irineu Joffily, situado na Rua Coronel Juviano Sobreira, centro da cidade, foi a primeira escola estadual edificada neste município, quando o prefeito da cidade era o Sr. Teotônio Tertuliano da Costa, o segundo prefeito do município. Diz o teor do Decreto, datado de 12 de junho de 1931, que resolve desapropriar o terreno de propriedade do Sr. João Coelho de Lemos, medindo 100 metros de comprimento e 60 metros de largura, para a edificação de uma escola primária.

Essa é, na verdade, a primeira escola estadual de Esperança, onde, ao longo de sua existência, serviu de educandário preparador de toda a população da época. Centenas de pessoas passaram pelos ensinamentos daquela escola.

Durante sua existência, passou por diversas reformas em seu prédio, porém, sem perder as suas características. Vale salientar que, hoje, as dimensões de seu terreno foram diminuídas, em razão de aberturas de duas ruas, de um lado e do outro, mais precisamente, as

ruas Manoel Henriques Ferreira e a rua José Honorato dos Santos, e, ainda, cedeu parte de seu espaço para a construção do edifício sede da prefeitura municipal.

Aquela unidade escolar, hoje, tem turmas de ensino fundamental e médio, de acordo com as normas educacionais atuais.

Os sujeitos envolvidos nesta pesquisa têm sido objeto de discussão das diversas correntes de teóricos contemporâneos que revelaram em suas pesquisas a importância do lugar diante dos novos princípios da urbanização modernista. Pesquisadores como Lynch (1997), entre outros, reforçaram e fixaram alguns conceitos, admitindo novos olhares para o espaço urbano que ultrapassava a simples consideração do aspecto funcional. A preocupação era trazer sugestões que dessem uma nova “roupagem” espacial através da inclusão de novos fatores como o sensível e a memória.

Na busca dos elementos que fazem parte de determinado sítio urbano encontra-se a indagação a respeito da interação entre os indivíduos que compõem este locus, a importância que é dada a alguns aspectos por alguns e certa irrelevância por outros, assim que,

As representações da cidade não escapam às determinações mais gerais e notadamente à idéia que tem as sociedades de seus espaços e do espaço em geral; o plano urbano, nós o vemos, portando em si mesmo, na origem, um princípio de organização que pode ser às vezes imagem e interpretação do mundo. As construções arquiteturais e urbanas correspondem aos domínios mais abstratos da filosofia. (RONCAYOLO, 1990, p. 161-162)

Portanto, se faz necessário uma análise detalhada que leve em conta os aspectos culturais, intelectuais e imaginários e os perceba como sendo fatores relevantes que incidem sobre a conformação da arquitetura e das estruturas urbanas como é o caso do Edifício Sede da Prefeitura da cidade de 1937:



Fig.3 Foto do Edifício Sede da Prefeitura de Esperança Inaugurado em 1937

Para corroborar com a pesquisa temos em PESAVENTO (1985, p. 287) a distinção que a autora estabelece no que tange a composição dos “leitores especiais da cidade”, cujas experiências os transformam em atores capazes de retratar as sensibilidades passadas do real vivido:

No tocante a estes ‘espectadores da urbe’, há que distinguir entre o que se poderia chamar de ‘cidadão comum’ ou ‘gente sem importância’, que constitui a massa da população cidadina, e os que poderiam ser designados como ‘leitores especiais da cidade’, representados pelos fotógrafos, poetas, romancistas, cronistas, pintores da cidade (...) que resgatam as sensibilidades do real vivido (...).

De acordo com a pesquisadora, “os homens comuns são capazes de elaborar representações, porém resgatá-las conduziria o historiador a “escovar a história a contrapelo” (PESAVENTO, 1995, p. 9), isto é, deve-se levar em consideração a perspectiva dos imaginários daqueles que habitam a urbe e as construções representativas daí resultantes.

A observação pressupõe que o ambiente elaborado e modificado provoca diversos efeitos e a percepção deles terá como decorrência uma forma diferenciada do modo como cada indivíduo se apropriou dos seus elementos durante a ação de transformação daquele espaço.

Esta nova construção da cidade vista e traduzida através das imagens e dos relatos passa, necessariamente, pela percepção baseada em um conjunto de “lógicas sociais” que se reelaboram através das avaliações lembradas do cotidiano e das disposições relacionadas à

estética. Conforme refere PESAVENTO (1985, p. 284), construir-se deste modo “pressupõe pensar para muito além do espaço, enveredando pelo caminho das representações simbólicas da urbe, que podem corresponder ou não à realidade sensível, sem que com isso percam a sua força imaginária”.

Os saberes, as transformações espaciais, os deslocamentos de bens, serviços e pessoas permitem uma análise dinâmica desta cidade e dos processos de inclusão/exclusão dos indivíduos, ou como Agier (2011, p. 58) propõe compreender a cidade, “do ponto de vista dos cidadãos, por ‘sobre os ombros’ deles, deslocando assim o olhar da cidade para as pessoas que vivem, sentem e ‘fazem a cidade’”.

Neste aspecto devemos nos debruçar sobre aqueles que compõem as relações sociais específicas de cada contexto histórico e suas singularidades que possibilitam uma multiplicidade destas manifestações com significados diversos.

Na cidade focada neste estudo percebe-se a formação de grupos de indivíduos, cujas manifestações culturais estão atreladas às relações sociais desenvolvidas nesta sociedade, como por exemplo, os festejos do carnaval:



Fig.4.Foto de Chico Braga e Familiares Brincando Carnaval com Lança-Perfume (1960-70). Fonte: Blog.

O carnaval das décadas de 50 e 60 na cidade de Esperança. Apesar de não existir Clube Social na época para brincar o carnaval, todas as festas carnavalescas eram realizadas

no Grupo Escolar Irineu Jofilly, porém, os carnavais em Esperança, nunca deixaram de ser animados, espalhando-se por toda a região a fama dos bons carnavais esperancenses.

Na foto é possível constatamos o uso do Lança-Perfume que era o marco dos velhos carnavais e símbolos dos carnavais.

Nestas festividades mesclam-se os trabalhadores, os empresários, homens, mulheres, jovens e velhos, em que o resultado destas produções religiosas e socioculturais, dão a tônica das múltiplas perspectivas para o comportamento individual e coletivo na vida em sociedade.

Para reforçar a importância dos estudos realizados por pesquisadores ligados à nova história francesa e que se adapta perfeitamente ao presente esboço, necessita-se “(...) de uma ciência histórica que não mutile a vida das sociedades e que não eleve entre os diferentes pontos de vista sobre o devir dos homens as barreiras de subdisciplinas” (LE GOFF, 1998, p.18).

Justifica-se, portanto, a busca de outros olhares, linguagens e escritos a respeito do elemento que se propõe pesquisar a fim de “descobrir suas condições de produção, delimitar, explicar as lacunas, os silêncios da história, e assentá-los tanto sobre esses vazios, quanto sobre os cheios que sobreviveram” (ibidem, p. 54).

O processo de desenraizamento cultural e de recriação cultural nas cidades, particularmente nas camadas mais populares, tendem a promover transformações nas formas de organização e de concepção de mundo dos grupos sociais. Ao perceber que o fenômeno urbano é o resultado da ação recíproca de indivíduos e de grupos no plano de trocas sociais, cabe destacar aqui a importância do estudo das redes e dos espaços sociais que assentam os indivíduos de acordo com suas trajetórias, posições e papéis, colocando à mostra suas aderências e desacordos no âmbito da cidade.

O antropólogo Gilberto Velho (1989, p. 32) também traz sua contribuição para o estudo das cidades ao analisar bairros do Rio de Janeiro, “onde ele situa Copacabana e mostra as características da paisagem urbana de seu objeto de estudo”. O autor faz uma descrição pormenorizada e atenta da composição do bairro, descrevendo a “floresta de prédios”, comércio, cinemas, restaurantes e bares.

Respeitando as devidas proporções da cidade de Esperança em relação àquela estudada por Velho (1989), pretende-se observar as ocupações que iniciavam no centro da cidade, onde se podiam ver pequenas construções, alguns depósitos, depois transformados em pequenos escritórios e que, ao longo do tempo, foram dando lugar a grandes empreendimentos comerciais e hoteleiros como, por exemplo, a antiga residência do ex-prefeito Manoel Rodrigues de Oliveira e o novo cinema da cidade - Cine São José.



Fig.5.

A elegância e a Imponência dos prédios do centro da cidade de Esperança, a antiga residência do ex-prefeito Manoel Rodrigues de Oliveira e o novo cinema da cidade - Cine São José.

O Cinema, como um novo prédio e uma nova atração para os esperancenses da década de sessenta, servia de ponto de encontro para os namorados, os jovens registrarem fotos. Era para nós um ponto turístico. Todos os jovens queriam fotografá-lo e fotografar-se.

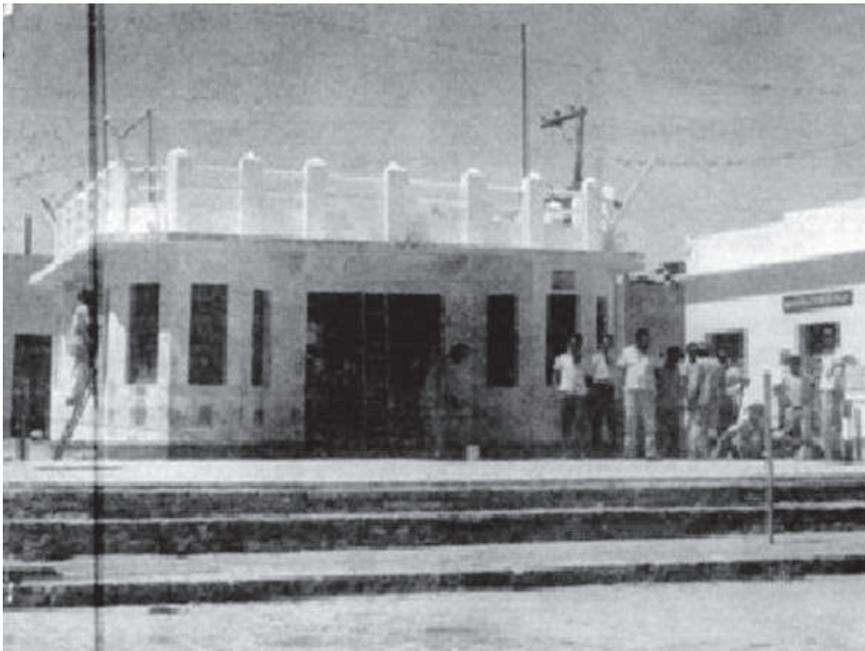


Fig.6 O Bar da Praça - (década de 40 ao final da década de 70)

O Pavilhão da Praça Getúlio Vargas, hoje, Calçadão Joaquim Pereira funcionava um bar que, popularmente, ficou apelidado de "Bar da Pracinha". Era o ponto de encontro dos motoristas e taxistas, caminhoneiros e diversas pessoas da sociedade que gostavam de fazer um morão, tomar um cafezinho, uma dose de qualquer bebida ou rolar o papo com uma cervejada, sempre aos domingos.

Gilberto Velho (1989) ainda analisa aspectos do cotidiano de Copacabana como as atividades mais comuns no dia a dia das pessoas, e observa que são vistos trabalhadores de obras, empregadas domésticas, empregados de casas noturnas vindo ou saindo do trabalho, fazendo as primeiras compras e em determinados lugares, grupos de homens idosos aposentados.

Transpondo o olhar para a cidade de Esperança, a foto acima demonstra o quanto o bar era frequentado. As fotos são da década de 60 a 70, quando o bar estava em pleno funcionamento.

A diversidade observada nesta cidade – que se compõe também das mais variadas redes de relações centradas nas dimensões da família, vizinhança e trabalho – pode ser vista como um prosseguimento entre a casa, o bairro e os demais espaços da cidade; como refere Agier (2011, p. 192), “trata-se de uma familiaridade da cidade que ultrapassa as casas e os mundos domésticos conforme as circulações e mobilidades espaciais dos cidadãos”, isto é, “a vida relacional dos cidadãos amplia-se para outros lugares, alcança as dinâmicas sociais de diversos pequenos mundos urbanos e dota de sentido os ditos ‘não lugares’ da cidade” (ibidem, p. 193).

Ao refletir sobre o modo como a cidade é vivenciada e a forma como acontecem as inter-relações entre seus diversos componentes é importante valer-se da prática etnográfica a fim de descrever as situações experimentadas por aqueles que ali vivem, pois as entrevistas, os discursos ou as representações são insuficientes para se obter tais informações.

A cidade de Esperança teve a preocupação com a preservação da sua memória, tanto que existem pelo menos cinco blogs e ou sites que guardam essa memória da cidade, esses blogs serviram de inspiração para o desenvolvimento deste trabalho. Os blogs estão listados no final do artigo.

Inquietações de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina: inquietação de supor lutas e vitórias, fermentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades (FOUCAULT, 2000, p. 7).

Portanto, quaisquer que sejam os motivos, deve-se compreender a importância destes espaços para a cidade, pois, atrai o turismo que além das atrações desta cidade pode usufruir dos seus espaços de memória.

CONCLUSÃO

Fácil, portanto, notar que a identificação local por intermédio da relação memória – história conduz uma cidade à cidadania. Lembrando da diversidade cultural que forma um local, é importante perceber que um povo é feito de várias culturas e que todas devem ser vistas e terem direito à voz, para que possam se identificar e se comprometerem com o ambiente em que vivem e se tornar uma unidade, sem segregação.

Não há preservação histórica sem pensar nessa condição de diversidade cultural; a preservação deve ter a capacidade de relacionar todos os aspectos culturais que formam um determinado local, e isso passa pelo compartilhamento da memória de diversas culturas.

Tratar bem a memória não é somente vislumbrar uma peça antiga, mas é dar luz ao obscuro mundo da história perdida; é dar ao cidadão a chance de se identificar com o lugar onde mora; é tornar o seu povo muito mais politizado e comprometido, seguros de si e unidos por um propósito em comum.

Uma cidade sem memória é uma cidade sem história, largada às moscas, onde qualquer um vem e suga o que tiver de melhor e vai embora, onde os cidadãos vivem individualmente, sem se preocupar com o social, uma cidade estagnada econômica e socialmente, violenta e pobre.

ABSTRACT

The discursive purpose of this article leads us to approach the City of Hope, from the places of memory, seeing their cultural heritage, not as physical city, as indeed it is today, but as construction of an urban identity and social, which makes living in this metropolis, from its founding to the present day. In this perspective, we run the research on local history for a construction and visualization of urban identities that emerge in the city of Hope from their hooking memory and its cultural heritage, listing some elements that are part of the dynamics of this city.

Keywords: Memory. Patrimony. City.

BIBLIOGRAFIA

- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DUCCINI, Mariana. “**Fragmentos de Memória: reinscrição de significados em documentários de compilação**”. *Contracampo*, v. 24, n. 1, Julho de 2012.
- FONTCUBERTA, Joan. **A câmera de Pandora: a fotografi@ depois da fotografia**. São Paulo: G. Gilli, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- HETHERINGTON, Kevin. “**O tempo do Arquivo**”. *Revista Eco-Pós*, v. 14, n. 1, 2011.
- KONDER, Marcos. **A Pequena Pátria**. Itajaí: Fundação Genésio Miranda Lins: Prefeitura Municipal de Itajaí/Secretaria de Educação, 2003.
- LEITE, Miriam Lifchizy Moreira. “**Retratos de Família: imagem paradigmática no passado e no presente**”. In SAMAIN, Etienne (org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec / Senac, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- NORA, Pierre. *Realms of Memory: the construction of the French Past (volume I: Conflicts and Divisions)*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1996.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. “**Imagem e Memória**”. In SAMAIN, Etienne (org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec / Senac, 2005.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre. **Políticas Culturais no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2007.
- SANTOS, Myriam Sepúlveda dos Santos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond, 1996.
- AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. 213p.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002.
- _____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

- LABATUT, Ênio Neves. **Teoria e prática de Comércio Exterior**. 3ª. ed. São Paulo: Aduaneiras, 1990.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova**. In: LE GOFF, Jacques, CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (dir.). **A história nova**. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 26-64.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Ática 1997.
- LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1989.
- McCRAW, Thomas K. (Org.). **Alfred Chandler: ensaios para uma teoria histórica da grande empresa**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli, 1979.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-290, 1995.
- RODRIGUES, Paulo Roberto Ambrósio. **Introdução aos sistemas de transporte no Brasil e à logística internacional**. 4ª. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Aduaneiras, 2007.
- RONCAYOLO, Marcel. **Villes etsesterritoires**. Paris: Gallimar, 1990.
- _____. **Os espelhos da cidade: um debate sobre o discurso dos antigos geógrafos**. In: LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-EDUSP, 2001. p. 265-300.
- VAINFAS, Ronaldo. **História das mentalidades e história cultural**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. 114p.

Sites:

<http://revivendoesperancapb.blogspot.com.br/>

<http://www.historiaesperancense.blogspot.com.br/>

<http://ihge.blogspot.com.br/>

<http://www.esperancadeouro.com/>

<http://evaldobrasil.blogspot.com.br/>

<http://grupoculturalqueromais.blogspot.com.br/>